



Prefeitura Municipal de Hortolândia
Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia.
Semanas de 08 a 19 de novembro de 2021.



| | |
|---|---------------|
| Unidade escolar: EMEF PROF ^a MARLECIENE PRISCILA PRESTA BONFIM | |
| Componente curricular: Língua Portuguesa | |
| Professor: Jefferson B Souza | |
| Aluno (a): | Série: 8º ano |

PARTE 1 – LEITURA E INTERPRETAÇÃO DO TEXTO

Leia o texto a seguir e responda ao que se pede.

Televisão para dois

Fernando Sabino

Ao chegar ele via uma luz que se coava por baixo da porta para o corredor às escuras. Era enfiar a chave na fechadura e a luz se apagava. Na sala, punha a mão na televisão, só para se certificar: quente, como desconfiava. Às vezes ainda pressentia movimento na cozinha:

- Etelvina, é você?

A preta aparecia, esfregando os olhos:

- Ouvi o senhor chegar... Quer um cafezinho?

Um dia ele abriu o jogo:

-Se você quiser ver televisão quando eu não estou em casa, pode ver à vontade.

-Não precisa não, doutor. Não gosto de televisão.

- E eu muito menos.

Solteirão, morando sozinho, pouco parava em casa. A pobre da cozinheira metida lá no seu quarto o dia inteiro, sozinha também, sem ter muito que fazer... Mas a verdade é que ele curtia o seu futebolzinho aos domingos, o noticiário todas as noites e mesmo um ou outro capítulo da novela, "só para fazer sono", como costumava dizer:

- Tenho horror de televisão.

Um dia Etelvina acabou concordando:

- Já que o senhor não se incomoda...

Não sabia que ia se arrepender tão cedo: ao chegar da rua, a luz azulada sob a porta já não se apagava quando introduzia a chave na fechadura. A princípio ela ainda se erguia da ponta do sofá onde ousava se sentar muito ereta:



- Quer que eu desligue, doutor?

Com o tempo, ela foi deixando de se incomodar quando o patrão entrava, mal percebia a sua chegada. E ele ia se refugiar no quarto, a que se reduzira seu espaço útil dentro de casa. Se precisava vir até a sala para apanhar um livro, mal ousava acender a luz:

- Com licença...

Nem ao menos tinha mais liberdade de circular pelo apartamento em trajes menores, que era o que lhe restava de comodidade, na solidão em que vivia: a cozinha lá na sala a noite toda, olhos pregados na televisão. Pouco a pouco ela se punha cada vez mais à vontade, já derreada no sofá, e se dando mesmo ao direito de só servir o jantar depois da novela das oito. Às vezes ele vinha para casa mais cedo, especialmente para ver determinado programa que lhe haviam recomendado, ficava sem jeito de estar ali olhando ao lado dela, sentados os dois como amiguinhos. Muito menos ousaria perturbá-la, mudando o canal, se o que lhe interessava estivesse sendo mostrado em outra estação. A solução do problema lhe surgiu um dia, quando alguém, muito espantado que ele não tivesse televisão em cores, sugeriu-lhe que comprasse uma:

- Etelvina, pode levar essa televisão lá para o seu quarto, que hoje vai chegar outra para mim.

- Não precisava, doutor - disse ela, mostrando os dentes, toda feliz.

Ele passou a ver tranquilamente o que quisesse na sua sala, em cores, e, o que era melhor, de cuecas -quando não inteiramente nu, se bem o desejasse. Até que uma noite teve a surpresa de ver a luz por debaixo da porta, ao chegar. Nem bem entrara e já não havia ninguém na sala, como antes - a televisão ainda quente. Foi à cozinha a pretexto de beber um copo d'água, esticou um olho lá para o quarto na área: a luz azulada, a preta entretida com a televisão certamente recém-ligada.

- Não pensa que me engana, minha velha - resmungou ele.

Aquilo se repetiu algumas vezes, antes que ele resolvesse acabar com o abuso: afinal, ela já tinha a dela, que diabo. Entrou uma noite de supetão e flagrou a cozinheira às gargalhadas com um programa humorístico.

- Qual é, Etelvina? A sua quebrou?

Ela não teve jeito senão confessar, com um sorriso encabulado:

- Colorido é tão mais bonito...

Desde então a dúvida se instalou no seu espírito: não sabe se despede a empregada, se lhe confia o novo aparelho e traz de volta para a sala o antigo, se deixa que ela assista a seu lado aos programas em cores. O que significa praticamente casar-se com ela, pois, segundo a mais nova concepção de casamento, a verdadeira felicidade conjugal consiste em ver televisão a dois.



(SABINO, Fernando. A falta que ela me faz. 9.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1923.)

A partir da leitura do texto, responda:

01) O texto que você acabou de ler é uma crônica. A crônica é um exemplo de texto que aborda temas do cotidiano. Que acontecimento cotidiano passa a ser o tema dessa crônica?

02) Etelvina é a empregada do dono da casa. Que fato desencadeia as ações que ocorrem nessa narrativa?

03) O dono da casa chegava e observava uma luz azulada por debaixo da porta e que a televisão ainda estava quente.

a) O que esses sinais indicavam?

b) A princípio, ele se importava com isso? Justifique sua resposta.

04) Um tempo depois, Etelvina foi autorizada a utilizar o televisor.

a) Como se comportava a empregada quando seu patrão chegava?

b) Ele se arrependeu de ter concedido a televisão à empregada? Por quê?

05) O homem chegava em casa e não possuía mais sua privacidade.

a) Qual foi a solução encontrada pelo patrão de Etelvina?

b) Qual foi a reação da empregada à proposta de seu chefe?



c) Com essa ação, ele recuperou sua privacidade, mas também ficou decepcionado com as consequências. Que consequências ele nos expõe sobre o entretenimento de dona Etelvina?

06) Por que mesmo após doar a antiga televisão à mulher, o patrão ainda via luz debaixo de sua porta?

07) Que explicação deu Etelvina para estar assistindo à televisão de seu patrão?

PARTE 2 - PRODUÇÃO TEXTUAL

Com base na leitura dessa quinzena, produza um texto buscando orientar o comportamento de Etelvina no seu trabalho. Ela, como empregada, o que poderia fazer na ausência de seu chefe? E o que não deveria fazer quando o chefe estivesse em casa?

Seu texto pode ser escrito em parágrafos ou tópicos (caso, haja uma lista de recomendações a serem feitas à empregada).